

AS LINGUAGENS DO AUTORITARISMO EM *O CORONEL E O LOBISOMEM*, DE JOSÉ CÂNDIDO DE CARVALHO E *SARGENTO GETÚLIO*, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

FURTADO, Paulo Fernando da Silva¹;
OURIQUE, João Luís Pereira²

¹ UFPEL – fernandofurtad@gmail.com

² UFPEL – jlourique@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A leitura de *O Coronel e o LobisOMEM*, de José Cândido de Carvalho relacionada a *Sargento Getúlio*, de João Ubaldo Ribeiro, permite compor um panorama estético e social desde as formas mais brutais às mais sutis de repressão. O autoritarismo representando pelo proprietário de terras, cuja liderança sem respaldo legal do Estado é muito restrita e regional. Logo, baseia-se muito mais nas ilusões do Coronel do que na realidade que “sem querer” revela. No outro livro, o policial que “executa” cegamente, mas a perda do “posto” faz com que revele um caráter complexo. Embora com tantos crimes cometidos, ele demonstra consciência ética. Em ambos os casos, os narradores relacionam-se com políticos que determinam mudanças nas suas posições sociais e econômicas. As suas linguagens são particularmente funcionais para os meios onde circulavam, impondo a vontade, seja pela falácia, simples imposição, seja pelos gritos, expressão corporal ou violência física. Em ambos os casos, as narrativas autobiográficas constroem as personagens, mas a compreensão do contexto, só é possível se confrontadas sob múltiplos enfoques, incluindo as “vozes” das outras personagens que são abafadas ou aparecem sob o discurso *dissimulado*. Logo, a partir dos conceitos de BAKHTIN, buscam-se elementos de *polifonia* no discurso. Nas reações das outras personagens diante do “narrador suspeito”. Ambos os livros abordam várias modalidades de coerção, que podem ser analisadas sob a perspectiva da sociologia literária. Nessas representações, com a presença do *sério-cômico*, como elementos da *sátira clássica*, inclusive a *carnevalização* do próprio discurso, para o questionamento das estratégias de manutenção de estruturas políticas e sistemas de privilégios na sociedade pelas classes dominantes.

Tanto o *Coronel* quanto o *Sargento* são representantes do autoritarismo e mantem hábitos repressivos, que se tornaram aceitáveis em sistemas sociais e políticos do passado. Os traços típicos de sujeitos rurais que o *Coronel* condensa são de proprietários oriundos de uma época meio “imprecisa”. Segundo Barbosa Lima Sobrinho (1978), O “Coronelismo” fundamentava-se em três pontos: terra, família e agregados. O sistema teve um período prolongado e foi mudando: “em 1975 não será a mesma coisa que o de 1949. Dia a dia o fenômeno se transforma numa evolução natural.” Isso se referindo a obra de Victor Nunes Leal (1949). As mudanças ocorrem para manter o sistema. Eles fazem parte das classes dominantes que geralmente buscam impor as suas concepções sobre as dos subordinados como forma de manter o domínio. Portanto, há indefinição de tempo, em que prevaleceram ideias, como as de “identidades” supostamente “superiores”, recebidas por “herança”, que proporcionavam privilégios e direito de controle sobre os demais. Já *Sargento Getúlio* apresenta marcadores temporais

mais específicos: *Coluna Prestes*, *Getúlio Vargas* e *Cristiano Machado*. Entretanto, o fato de ter sido publicado durante a ditadura militar, em 1971, leva a crer que essas críticas se dirigem muito mais uma às prisões políticas desta época. Nas duas obras, os agentes da dominação local seguem regras próprias, que entram em choque com a própria ideia de “unidade nacional”, cujo um dos princípios é a língua. Este é o primeiro elemento simbólico que as personagens desestruturam. A própria noção de Estado não foi ainda absorvida, como se eles vivessem à margem do processo de civilização da sociedade. O *Coronel* declara oposição ao “governo”, os policiais são sempre referidos como “*meganhas*”. Ainda mantem um sonho utópico de “autonomia local” contra o poder da “União”. Ele luta contra a cobrança de impostos, que declara suprimir por ameaça de revolução. Trata o Sistema Fiscal como iniciativa de um único indivíduo e alguns comparsas, perseguindo o funcionário local, que chama de “cobrador de *dízimos*”. Confunde igreja com “Receita Federal”. Logo apegado a princípios mais primitivos de sistema político-social. Nestes casos, a manutenção da “hegemonia” de grupos, que cria um perfil, considerado ideal e superior de identidade.

O relato autobiográfico geralmente deve ser questionado, entre outros elementos, está subordinado a fatores como a própria memória, segundo SARLO (2007). O caráter de qualquer testemunho já é incompleto, ainda mais quando o narrador não é confiável. Tanto João Ubaldo quanto José Cândido de Carvalho criaram narradores a serem questionados, refletindo-se as informações implícitas, os pressupostos, os subentendidos, as mentiras, as lorotas, os falsos argumentos firmados mais pela força do que pela lógica, mais pela opinião do que pela lógica. Assim o projeto seguirá expandindo as relações “transtextuais”, estabelecer cada vez mais associações com outras formas de representação que questionam as estratégias de manutenção do autoritarismo.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A partir da perspectiva *dialética-lógica* de BAKHTIN, foram estabelecidas relações entre a identidades sociais assumidas pelos narradores. Também recorreremos aos conceitos de *polifonia*, para explorar nas “vozes dos outros” as respostas para o não-contado, considerando que “Desta forma, aqui é introduzida a fala de outrem no discurso do autor (narração) sob uma forma *dissimulada* (BAKHTIN, 1990)”. Já que, nestes casos, os narradores autodiegéticos limitam a um ponto de vista, precisa-se observar nas falas das outras personagens o que nos chega de forma indireta, exclusivamente pelos narradores. Muito significativas tornam-se as vozes que se opõem as eles. No confronto do que é dito com a reação das outras personagens é que se chega ao enredo implícito: “Aquilo que é inacessível ao olhar de uma pessoa é o que preenche o olhar da outra. Logo, na esfera das relações humanas e da comunicação o excedente da visão é tão importante quanto aquilo que se oferece explicitamente ao olhar (BAKHTIN, 1981).” Também notável o uso da oralidade, para o questionamento de estruturas sociais conservadoras que já não se sustentavam mais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As formas de opressão, segundo Antônio Cândido (1993), muitas vezes contaram com o aparato do próprio Estado. Em *Sargento Getúlio* percebe-se o questionamento das ações policiais. O autoritarismo pode ter na linguagem o elemento básico, mas que se sustenta em outras formas de repressão, conforme se percebe nas ações do *Coronel*. Neste caso, há ideia de superioridade sobre os demais. Isso a ponto de mesmo se tratando de alegação de “lobisomem”, conforme ele atribui ao “cobrador de impostos”, ao “escriturário”, aos “banqueiros”, aos “políticos”, etc. A criatura é representação do que ele entende por “mal”. As palavras de *Coronel* jamais eram questionadas no meio rural. A imagem do Lobisomem “fuçando os papéis nas gavetas” em pleno júri sugere a manifestação do mal no ser humano, na corrupção, na fraude dos documentos.

Nos dois casos, as personagens se autodenominam detentoras da verdade. *Ponciano* aplica mais a coerção verbal e não economiza neologismos para exercer sua autoridade. CÂNDIDO (1993) declarou que em bases de discursos, se sustentam falsas “verdades”. As convenções elitistas são estabelecidas na ostentação e nas aparências, a ponto dele “comprar elogios” no jornal. Em ambos, questionam-se *identidades regionais*, seus *valores culturais* e *tradições* em oposição aos hábitos urbanos mais modernizados. No *coronelismo*, estava concebido que o trabalho restringia-se a mandar. *Ponciano* considera a vida de negociatas, como modo de participação num círculo social, e muito mais nobre que o trabalho. A sua convicção é de que especular é mais vantajoso do que produzir: *Ponciano* destaca o absurdo de plantar cana, mas considera ótimas a compra e revenda açúcar, entre os especuladores. Nos dois livros, podemos estabelecer o confronto dos valores, processos de construção de identidades, novos processos socioculturais, de trabalho, política, profissão e família.

4. CONCLUSÕES

A análise das obras, segundo as teorias de BAKHTIN (1981), reconhece que mesmo as obras não sendo carnavalizadas na estrutura básica, apresentam traços que demonstram como o gênero se renova, nas “fantasias mais audaciosas e descomedidas” e “*situações extraordinárias*”, que são motivadas pelo fim filosófico e ideológico. As duas narrativas proporcionam leituras baseadas na concepção da natureza dialógica do pensamento humano, que se opõe ao “monologismo *oficial* que se pretenda *dono de uma verdade acabada*.”

O “carnaval” é uma vida “às avessas” desviada da ação habitual. Essa abolição de regras seria por um período limitado. Entretanto, O *Coronel* deseja viver permanentemente, segundo uma rotina “boêmia”. O *Sargento* leva às últimas consequências o modo como concebe “missão.” Em ambos os casos, todos os exageros e extravagâncias seriam considerados totalmente carnavalizados, se fossem observados sob a ótica de uma sociedade democrática. Entretanto, no percurso da história, pode-se observar uma sequência da inversão de valores, que vem revelando, muitas vezes, fatos mais surpreendentes que a própria literatura. Desse modo poderíamos denominar de realidade carnavalizada, associando às Idades Média e Antiga que, segundo BAKHTIN (1981) descreve, viviam de forma carnavalesca a maior parte do ano. Logo, concluiu-se que os escritores mantêm as narrativas no “limiar da carnavalização”, só revelando completamente estas características nas últimas

páginas, como forma de questionar justamente a realidade, que muitas vezes parece inverossímil. *Sargento Getúlio*, inicialmente, pode parecer uma exacerbação brutal da tortura, da violência, pelo detalhamento e profanação da morte. Entretanto, a história registrou fatos, em períodos repressores, nos quais se admitia “preso político torturado” e “praça tomada grupo armado para intimidar autoridades”. Os fatos históricos, muitas vezes, considerados “normais” em determinadas épocas e regiões, tornam-se surpreendentes e seriam inadmissíveis para outras sociedades mais democráticas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. *O Plurilinguismo no Romance*. In: *Questões de Literatura e de Estética*. São Paulo: UNESP; Ed. Hucites, 1990.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1985, 7ª ed.

CANDIDO, Antonio. *Censura-violência*. Recortes. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARVALHO, José Cândido de; *O Coronel e o Lobisomem*. 34ª ed. Rio de Janeiro, 1985, José Olímpio.

DACANAL, José Hildebrando. *Nova Narrativa épica no Brasil*. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1988.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de. (Org.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora UFPR, 1996.

GOMES, Maria Raimunda. ATHAYDE, Simone Almeida Alves. *A Menipéia e o Dialogismo no Romance Sargento Getúlio*. Polifonia. Cuiabá. EDUFMT, V.14, 2007.

LEAL, Victor Nunes *Coronelismo, Enxada e Voto – O município e o regime representativo no Brasil* (1949). Ed. Alfa-Omega, São Paulo (1978).

LEITE, Grasiela Alves. *As criações lexicais e as visões de mundo de um coronel*. Dissertação de Mestrado, USP. 2010.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Sargento Getúlio*. Círculo do Livro. São Paulo, SP, 1971/1972.

SILVA, Marcela Verônica da. *Sargento Getúlio e o Romance Moderno: Reflexões sobre os aspectos de Representação da Realidade*. In: *Literatura e Autoritarismo Rememoração e Reminiscência*. UFSM, 2008. Revista nº 1.

UMBACH, Rosani Ketzer. CALEGARI, Lizandro(Org.). *Estética e Política na Produção Cultural. As Memórias da Repressão*. Santa Maria (RS): Ed da UFSM, 2011.